



Um estudo sobre a relação entre Caio Prado Júnior e Fernando A. Novais

Claudinei Magno Magre Mendes

Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Av. Dom Antônio, 2100, 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil.
E-mail: mendes.claudinei@gmail.com

RESUMO. Em nosso texto, analisamos a relação entre Caio Prado e Fernando Novais no que diz respeito aos estudos acerca da colonização. Colocando-se como discípulo do primeiro, Novais expõe sua concepção de colonização como aprofundamento e superação do modo como o autor de *Formação do Brasil contemporâneo* entendia o fenômeno colonial. Essa maneira de colocar essa relação acabou sendo aceita tanto pelos partidários como pelos críticos de Novais, adquirindo foros de verdade. No entanto, para entroncar sua concepção de colonização na de Caio Prado, Novais concebeu-o de uma maneira particular, isto é, como um historiador do ‘sentido da colonização’. Um exame da concepção de colonização de Caio Prado mostra, todavia, que ela é parte integrante da sua interpretação da história do Brasil em seu conjunto. Resulta disso que não podemos isolar uma da outra, sem prejuízo para o entendimento da obra de Caio Prado. Retomar a obra de Caio Prado em sua historicidade constitui, pois, o resultado de nosso texto.

Palavras-chave: historiografia, colonização, economia colonial, economia nacional.

A study about the relation between Caio Prado Júnior and Fernando A. Novais

ABSTRACT. In this paper we propose to analyze the relationship established by Fernando Novais with Caio Prado regarding the studies about the colonization. Putting himself as his disciple, Novais exposes his conception of colonization as a deepening means and a way to overcome the way by which the author of *Formação do Brasil contemporâneo* understood the colonial phenomenon. This way of putting this relationship has been accepted by both the critics and supporters of Novais, thus acquiring certainty of truth. We show in this paper that by rooting his conception of colonization in Prado’s conception, Novais conceived him in a particular way: as an historian of the ‘sense of colonization’. The analysis of Prado’s concept of colonization shows, however, that this is part of his interpretation of the history of Brazil, as a whole. It follows that we can’t isolate one from the other without disturbing the comprehension of Prado’s conception. The result of our text is thus retaking the Prado’s conception in its historicity.

Keywords: historiography, colonization, colonial economy, national economy.

Introdução

Em finais da década de 1960 e início da seguinte, Fernando Novais expôs sua interpretação de colonização que fez escola e se tornou praticamente hegemônica.¹ Colocando-se como discípulo de Caio Prado, Novais apresentou sua formulação como um aprofundamento e uma superação da concepção de colonização exposta por esse autor em sua obra *Formação do Brasil contemporâneo*, de 1942. Ao entroncar sua concepção de colonização à do historiador paulista, Novais explicou-as como momentos de um processo de

desvendamento do fenômeno colonial: Caio Prado teria lançado as bases para o entendimento de colonização²; ele, por sua vez, o teria completado. De um modo geral, essa explicação foi aceita pelos estudiosos, fossem partidários³ ou críticos⁴ da

¹É verdade que, desde ao menos 1957, Novais veio se mostrando interessado por questões relativas à colonização, mas foi somente em finais da década de 1960 que apresentou sua interpretação de colonização. Ver, para tanto, Novais (2005b), especialmente as páginas 17 e 23. Vide, igualmente, Novais (2005b, c e 1968). Dizemos praticamente hegemônica pelo fato de que, desde o início dos anos 70, Ciro Cardoso fez críticas a Novais. Ainda na década de 70, outros autores, como Jacob Gorender, Antonio Barros de Castro e José Roberto do Amaral Lapa também contestaram sua análise.

²Em entrevista, para a revista *Nossa História*, Novais destaca: “Caio Prado Jr. deu um passo, a meu ver, fundamental, seguido por outros historiadores, ao tomar, como recorte do chamado período colonial da história brasileira, a colonização em seu conjunto” (NOVAIS, 2005f, p. 356).

³Ferlini (1984, p. 97) observa: “Incorporando e ampliando as análises de Caio Prado Júnior e Celso Furtado, a obra de Fernando Novais, *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial* (1979) constitui o mais abrangente estudo da colonização como sistema integrado ao processo geral de acumulação primitiva de capitais, articulado estruturalmente em torno do escravismo a partir da dinâmica mercantilista.” Ribeiro Jr. (1976, p. 1-2), por seu turno, assinala que o sentido da colonização formulado por Caio Prado teria aberto horizontes no sentido de se explicar a colonização da época moderna no interior de um conjunto. Essa “[...] valiosa e pioneira formulação [...]” teria sido retomada por Novais, que lhe deu “[...] dimensões mais abrangentes [...]”. Vide, igualmente, Puntoni (2005, p. 10).

⁴Gorender (1978, p. 17) assinala que Novais seguiu a linha de interpretação de Caio Prado. Linhares (1990, p. 9) igualmente afirma que o caminho aberto e trilhado por Caio Prado “[...] viria a ser de grande importância para o conhecimento que se construirá do Brasil, do seu passado e de sua visão presente.” Acrescenta que dele emergiu uma importante corrente historiográfica

concepção de colonização de Novais, e adquiriu foros de verdade.

Para colocar-se como tributário de Caio Prado, Novais considerou-o de uma maneira bastante própria: tomou-o como um historiador da colonização, dissociando seu modo de compreender o processo colonial da sua interpretação da história do Brasil em seu conjunto. A partir de então, foi criada a imagem de Caio Prado como um 'historiador do sentido da colonização', imagem essa que acabou por prevalecer no campo da historiografia. Mais do que isso, foi como tal que ele veio a ser valorizado, pois teria lançado os fundamentos para o estudo da colonização⁵. Dessa perspectiva, o 'sentido da colonização' seria sua grande — e praticamente a única — contribuição para os estudos da história do Brasil.

Tal cristalização colocou em segundo plano o modo como ele concebia o processo histórico brasileiro⁶. Nessa linha, incluem-se autores para os quais sua contribuição para os estudos das demais épocas da história do Brasil não está no mesmo nível da que ele deixou para o exame da época colonial⁷. Isso ocorre mesmo entre os que estudam sua análise de temas relativos ao Brasil contemporâneo (SANTOS, 2001, p. 21).

A caracterização de Caio Prado como historiador da Colônia prejudicou enormemente os estudos a respeito tanto de sua concepção de colonização quanto, sobretudo, de sua maneira de interpretar a história do Brasil⁸. No mais das vezes, para os temas

mais contemporâneos, os estudiosos praticamente se restringem a chamar a atenção para suas formulações acerca de duas questões: a agrária (SANTOS, 2001) e a da transição da Colônia para a Nação (NOVAIS, 2005e, p. 286-287; RICUPERO, 2000, p. 161; VICTORIANO, 2001, p. 23).

Igualmente, esse modo de compreender o vínculo entre os dois autores fez com que eles passassem a ser tratados, tanto pelos partidários quanto pelos críticos de Novais, de maneira conjunta, como se partilhassem do mesmo enfoque, ou seja, da mesma matriz interpretativa. Além de serem tratados como autores marxistas, eles comungariam, segundo os críticos de Novais, do mesmo ponto de vista na análise da colônia, ou seja, estariam centrados na atividade exportadora da economia e da sociedade coloniais. Cardoso (1990, p. 69) observa que a corrente historiográfica de Caio Prado e de Novais caracteriza-se pela 'obsessão plantacionista', que considera simplificadora. Fragozo (1998, p. 66), por seu turno, assinala que, trinta anos depois de Caio Prado ter elevado o 'comércio exterior' à condição de eixo maior da história colonial, Novais buscou reforçar suas ideias, integrando de forma mais sistemática o Antigo Sistema Colonial mercantilista à acumulação primitiva de capital. Desse modo, aceitando a explicação de Novais, afirma que este, para elaborar sua concepção de colonização, retomou Caio Prado⁹. Mesmo historiadores que poderiam ser considerados 'independentes' em relação ao atual debate historiográfico acerca da época colonial, como é o caso de Schwartz (2009, p. 209-210), aceitaram a explicação de Novais.

Um dos resultados desse tratamento indistinto tem sido atribuir a Caio Prado determinadas formulações que são exclusivas de Novais. É o que se observa tanto entre os estudiosos que, de uma forma ou de outra, inclinam-se pela perspectiva de Novais quanto pelos que a rejeitam. Não é incomum, por exemplo, que atribuam a Caio Prado a formulação de que o objetivo da colonização era promover a acumulação primitiva de capital nas metrópoles, o que constitui um equívoco.

Dentre os primeiros podemos destacar Paula (2000, p. 92, grifos nossos):

Quem, no Brasil, primeiro compreendeu esses mecanismos de dominação colonial foi Caio Prado Jr. Em 1942, ele publicou o livro, *Formação do Brasil contemporâneo*, que é um clássico e que conserva até hoje sua força. É o primeiro grande painel da sociedade colonial brasileira, sintético e

na qual se destaca Novais, como um dos seus discípulos. De acordo com Bicalho (2005, p. 86), Novais teria aprofundado e sofisticado a interpretação de Caio Prado, burilando o conceito de 'pacto colonial', que já teria sido formulado pelo autor de *Formação*.

⁵Observa Santos (2001, p. 17) que, a partir dos anos 80, a obra de Caio Prado continuou a ocupar lugar respeitável na estante de historiografia pelo tema da Colônia e na discussão agrária. Adiante (p. 20), comparando-o com Nelson Werneck Sodré, assinala que os escritos de Caio Prado serviram como ponto de partida para investigações posteriores, mencionando, como exemplo, Novais. Crítica Santos (2001, p. 20-21) os estudiosos que não aceitam sua presença na cultura política brasileira, assinalando que "[...] o modo mais consensualizado nessas interpretações é o da valorização historiográfica que define como centralidade da obra caiopradiana a dissertação sobre a 'colônia de produção' [...]."

⁶Exemplo sugestivo desse procedimento é o de Bresser Pereira (1989, p. 279). Após afirmar que ninguém analisou melhor do que Caio Prado a natureza do Brasil colonial, observa que ele se recusou a reconhecer a emergência do capital industrial no Brasil a partir dos anos 30. Como desenvolveremos adiante, na base desse comentário encontra-se a dissociação entre as concepções de Caio Prado de colonização e de história do Brasil em seu conjunto. Tal distinção, se não formulada por Novais, ao menos foi por ele consolidada. Vide os comentários de Reis (1999, p. 194) e Santos (2002).

⁷Contestando a análise de Caio Prado do Brasil contemporâneo, Bresser Pereira (1989, p. 285) afirma que "a grande contribuição de Caio Prado foi sem dúvida ter identificado no caráter mercantil do período colonial as origens do subdesenvolvimento brasileiro." Acrescenta que, depois da análise do sistema colonial feita por Novais, "[...] um de seus mais notáveis discípulos [...]", a tese do caráter mercantil da colonização brasileira, baseada na acumulação primitiva de capital, tornara-se definitiva. Segundo Gorender (1989, p. 263), o livro *A Revolução Brasileira* apresenta lados fracos: um deles é a insistência no caráter colonial da economia brasileira quando o eixo da produção do Brasil já era constituído pelo mercado interno. Vide, igualmente, Coutinho (1989, p. 126 e seguintes).

⁸Dentre os autores que examinaram a obra de Caio Prado da perspectiva formulada por Novais, destaca-se Ricupero (2000), que, em nota ao capítulo relativo à sua concepção de colônia, observa que Novais, seu discípulo, teria completado sua análise, seguindo suas pistas (RICUPERO, 2000, p. 158, nota 56).

⁹A lista dos autores que, explicitamente, aceitam esse vínculo entre Caio Prado e Novais é extensa. Vide, por exemplo, Gorender (1978, p. 17) e Bresser Pereira (1982, p. 280).

compreensivo, que busca entender a colônia brasileira no contexto da expansão comercial européia, a partir de uma ideia-chave que é o 'sentido da colonização', isto é, a compreensão das relações entre as colônias e as economias européias metropolitanas. 'Trata-se, assim, de estabelecer os mecanismos que produziram uma sistemática transferência de excedentes da Colônia para as metrópoles' e as conseqüências desta exploração colonial sobre a formação social¹⁰.

Entre os críticos de Novais podemos mencionar Fragoso, que, depois de reproduzir um trecho de *Formação*, destaca:

Tal situação, verdadeiro corolário da colonização, determinaria a emergência de um certo tipo de estrutura, 'assentada na contínua transferência de excedentes para a metrópole do além-mar'. Isto, naturalmente, só poderia se traduzir numa economia colonial exportadora (FRAGOSO, 1998, p. 58, grifos nossos)¹¹.

Por fim, não é incomum, entre os que se opõem à interpretação de Novais, criticar Caio Prado para, em última análise, questionar a teoria do Antigo Sistema Colonial, própria do primeiro¹², pois o pressuposto desses críticos é o de que as perspectivas dos dois para o estudo da colonização seriam as mesmas.

Portanto, consideramos fundamental examinar essa relação, o que implica analisar também de que modo a concepção de colonização de Caio Prado integra sua interpretação da história do Brasil. Iniciaremos pelo estudo da concepção de colonização de Novais e, por conseguinte, como este se coloca em relação a Caio Prado. Em seguida, examinaremos como Caio Prado entendia a colonização e, por conseguinte, como ela é intrínseca à sua maneira de interpretar a história do Brasil em seu conjunto.

A colonização segundo Fernando A. Novais

Nas diversas oportunidades em que expôs sua concepção de colonização da era moderna, Novais, comumente, estabeleceu um vínculo com a interpretação de Caio Prado.

Uma das suas primeiras exposições foi em artigo intitulado *O Brasil nos quadros do Antigo Sistema Colonial* (NOVAIS, 1968), quando ele expõe de

modo embrionário sua interpretação da colonização, ligando-a ao processo de constituição da economia mercantil, sem estabelecer, no entanto, um vínculo direto com a análise de Caio Prado.

Uma exposição mais desenvolvida da colonização e da sua relação com Caio Prado encontra-se em *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)* (NOVAIS, 1989), tese defendida em 1973 e publicada pela primeira vez em 1979¹³. Nesse texto, ele se apresenta como um seu discípulo que teria aprofundado a interpretação da colonização do mestre. É verdade que ele se vale igualmente das formulações de Celso Furtado, mas, segundo afirma, é de Caio Prado que ele descenderia em linha direta.

Assim, sem contestar totalmente o trabalho de Caio Prado, ele entende que o autor de *Formação do Brasil contemporâneo* teria ficado a meio caminho na análise da colonização¹⁴. Os limites da análise de Caio Prado estariam dados pelo fato de este havê-la inserido na expansão comercial europeia, considerando-a um capítulo da história do comércio europeu. Isso o teria levado a definir a colonização como a organização de uma produção destinada ao abastecimento do mercado europeu¹⁵. No entanto, para Novais, isso seria apenas o aspecto externo ou aparente da colonização. Em seu modo de ver, a colonização poderia ser apreendida em toda a sua profundidade somente se fosse inserida em um contexto mais amplo, o da transição do feudalismo para o capitalismo, já que as colônias teriam desempenhado um papel fundamental no processo de constituição do capitalismo.

Por fim, no texto *Sobre Caio Prado Júnior*, de 2000, Novais (2005e) expõe de maneira bastante clara sua relação com Caio Prado:

E aqui vamos nos aproximando das possíveis limitações, que mesmo as obras mais penetrantes acabam por revelar. Se buscamos uma integração crítica das contribuições de Caio Prado Jr. que assimile suas análises procurando ao mesmo tempo avançar no conhecimento de nossa história, temos que nos debruçar sobre esse núcleo de seu estudo, questioná-lo, e tentar ir além. Nesse sentido, talvez se possa argüir que, no movimento de inserção no conjunto, isto é, no esforço por apreender a categoria básica, sua análise se deteve a meio do caminho. Trata-se de definir com precisão o que deve ser inserido, e em quê; e talvez o Brasil na expansão marítima européia seja um recorte que apanhe

¹⁰Também podemos mencionar Odália (1989, p. 112-113). De acordo com Ferlini (1988, p. 229), a especificidade da colonização para Caio Prado era ser elemento propulsor da acumulação mercantil da Época Moderna.

¹¹Vide também Fragoso e Florentino (2001, p. 31). Bicalho (2007, p. 77) afirma que Caio Prado teria sido o primeiro historiador a explicitar as ligações entre o processo colonial e o desenvolvimento capitalista internacional. Recentemente, Fragoso (2012, p. 107) retomou essa formulação, afirmando que Caio Prado defendia "[...] que a sociedade da América lusa dos séculos XVII e XVIII fora construída com o propósito de fomentar a transição do feudalismo para o capitalismo na Europa."

¹²Entre esses autores, podemos citar Ciro Cardoso. Além de tratar Caio Prado e Novais como pertencendo a uma mesma perspectiva, como entendia que o segundo se apoiava nas formulações do primeiro, criticou este com o intuito de atingir aquele (CARDOSO, 1988, p. 58).

¹³Parte da tese de Novais foi publicada em separado. Assim, para a questão da necessidade do Antigo Sistema Colonial e do seu papel no processo de constituição do moderno capitalismo, segundo Novais, vide, também, (NOVAIS, 1975).

¹⁴"Caio Prado Jr. ficou no meio da análise [da dinâmica do sistema econômico] [...]" (NOVAIS, 2005f, p. 392).

¹⁵Para uma análise dessa questão, vide Mendes (2008), sobretudo, o texto: "Caio Prado Júnior e a História do Brasil. A colonização como 'produção para o mercado externo'".

apenas algumas dimensões da realidade, não levando o olhar até a linha do horizonte; 'Brasil', é claro, não existia, senão como colônia, e é da colônia portuguesa que trata Caio Prado Jr.: a questão é saber se não seria preciso a consideração do conjunto do mundo colonial. Expansão comercial européia é, na realidade, a face mercantil de um processo mais profundo, a formação do capitalismo moderno; a questão é saber se não seria preciso procurar as articulações da exploração colonial com esse processo de transição feudal-capitalista. Desse modo, a análise, embora centrada numa região, seria sempre a análise do movimento em seu conjunto, buscando permanentemente articular o geral e o particular. A colonização não apareceria apenas na sua feição comercial, mas como um canal de acumulação primitiva de capital mercantil no centro do sistema. (...) Assim se reformularia e aprofundaria a visão de conjunto. Contudo, insistimos, esta é uma crítica que parte da análise de Caio Prado e a incorpora (NOVAIS, 2005e, p. 288-289, grifos nossos)¹⁶.

Como se pode perceber, Novais destaca as 'possíveis limitações' da análise da colonização de Caio Prado, lembrando, no entanto, que busca integrar criticamente suas contribuições. Em outras palavras, procura assimilar suas análises e, ao mesmo tempo, avançar no conhecimento do processo histórico brasileiro. Em oportunidade anterior, em texto de 1967, mas publicado em 1969, Novais já havia estabelecido as linhas mestras do modo como entendia sua relação com esse historiador. Afirma que este havia aberto a trilha para sua análise da colonização e pago até certo ponto seu tributo à tradição da historiografia brasileira

[...] sempre menos voltada para as vinculações da história do Brasil com a história geral da civilização ocidental (...). Desse modo, (...) apesar do passo fundamental que a sua obra representa, pensamos ser ainda possível ir além no esforço de apreender o sentido da colonização [...].

Para Novais, o sentido da colonização não era simplesmente o assinalado por Caio Prado, qual seja, produzir para atender as necessidades do mercado externo. Ao produzirem para a exportação, as colônias de exploração propiciavam que as metrópoles, por meio do exclusivo de comércio, promovessem a acumulação primitiva de capital no seu interior. No entanto, ressalte-se mais uma vez, Novais insiste que critica a concepção de

colonização de Caio Prado, mas a tem como base e a incorpora em suas formulações (NOVAIS, 2005e, p. 40-41).

O principal procedimento de Novais para estabelecer sua relação com Caio Prado é o de considerá-lo como um historiador da colonização, sem relacionar a isso sua 'interpretação' ou 'teoria' da história do Brasil¹⁷. Assim, Novais pôde apresentar-se como um historiador que aprofundou a maneira como Caio Prado entendeu a colonização.

A partir de então, passou a assinalar que a colonização da época moderna constituiu um instrumento ou alavanca para promover a acumulação primitiva de capital nas metrópoles, último passo da transição do feudalismo para o capitalismo. Em suas palavras:

Examinada, pois, nesse contexto, a 'colonização' do Novo Mundo na Época Moderna apresenta-se como peça de um sistema, 'instrumento da acumulação primitiva' da época do capitalismo mercantil. Aquilo que, no início dessas reflexões, afigurava-se como um simples projeto, apresenta-se agora consoante com processo histórico concreto de constituição do capitalismo e da sociedade burguesa. Completa-se, entretanto, a conotação do sentido profundo da colonização: 'comercial e capitalista', isto é, 'elemento constitutivo no processo de formação do capitalismo moderno' (NOVAIS, 1989, p. 70).

Consideremos, agora, a compreensão de Caio Prado a respeito da colonização para, posteriormente, examinar a possibilidade de considerá-la em separado.

A colonização segundo Caio Prado

Não são poucos os estudiosos que afirmam que *Formação do Brasil contemporâneo* trata da época colonial, em razão de seu subtítulo 'Colônia' (LAPA, 2004, p. 261). Iglésias (1982, p. 9) assinala que "[...] é ainda o que há de mais importante sobre o período colonial." Levando em conta o projeto inicial de Caio Prado de escrever três livros sobre a história do Brasil, é preciso observar alguns aspectos do livro de 1942¹⁸.

Em primeiro lugar, ao que parece, *Formação do Brasil contemporâneo*, se não era o título abrangente dos três livros que o autor pretendia escrever, ao menos expressava esse propósito¹⁹. Com efeito, ele

¹⁶Esse mesmo trecho já aparece em Novais (1983). Nele, Novais utiliza 'ultrapassar': "Se buscamos uma integração crítica da contribuição de Caio Prado Jr., que assimile seus avanços procurando ao mesmo tempo ultrapassá-los [...]." Em diversas entrevistas, quando indagado, Novais comentou sua relação com Caio Prado. Assim, afirma: "Ele [Caio Prado] foi meu interlocutor privilegiado. Procurei seguir suas pegadas, tentando avançar na direção que ele tomou" (NOVAIS, 2005f, p. 354). "Procurei avançar na análise de Caio Prado Jr." (NOVAIS, 2005f, p. 355). "Como posteriormente, em meus trabalhos, procurei partir de suas análises, numa tentativa de avançar [...]" (NOVAIS, 1986, p. 9.)

¹⁷Conhecemos apenas dois autores que se ocuparam diretamente da relação entre Caio Prado e Novais. O primeiro é Odália (1974). Nele, o autor procura estabelecer as diferenças e as divergências entre os dois autores, rejeitando a ideia de que sejam complementares (ODÁLIA, 1974, p. 50). O segundo é Vieira (2004, 2009).

¹⁸Embora ele projetasse escrever um grande trabalho sobre o Brasil contemporâneo, sua pesquisa se restringiu ao período colonial" (SECCO, 2008, p. 104).

¹⁹Tratando da publicação do livro de 1942, Lumatti (2007, p. 17) refere-se a ele como "[...] o primeiro volume de *Formação do Brasil contemporâneo*." Assim, ao que tudo indica, Caio Prado pretendia ainda escrever: *Formação do Brasil*

pretendia expor como o Brasil contemporâneo, o Brasil do século XX, havia se formado, de modo que cada um dos três livros seria dedicado a uma época da história brasileira: Colônia, Império e República.

Em segundo lugar, como primeiro livro da série, *Formação do Brasil contemporâneo* contém não apenas uma análise da época colonial, mas, igualmente, uma visão geral da história do Brasil. Esta visão encontra-se formulada em rápidos traços, é verdade, mas não pode ser ignorada, já que é decisiva para a compreensão de *Formação*.

Com efeito, na introdução da obra e no capítulo intitulado 'Sentido da colonização', Caio Prado expõe o que podemos denominar de 'linha mestra' da história do Brasil. No entanto, observamos que, entre os historiadores, existe a tendência de se considerar apenas um aspecto desse capítulo. Na verdade, antes de tratar especificamente desse assunto, ele teorizou sobre o 'sentido' em geral, assinalando a necessidade de os estudiosos da história o tornar objeto de preocupação. Embora, em diversas oportunidades, muitos considerem suas formulações sobre o 'sentido' apenas como uma comprovação de sua visão teleológica, o autor estava assinalando que, assim como o processo histórico dos demais países, o do Brasil tinha um sentido. Segundo ele, esse sentido ou linha da evolução histórica brasileira definia-se pela 'transição da economia colonial para a economia nacional'. Deve-se salientar que tal formulação encontra-se em seus livros e textos produzidos depois de *Formação*, constituindo mesmo a perspectiva de abordagem dos diferentes assuntos ao longo de sua trajetória intelectual e política. Em última análise, trata-se de uma formulação que nunca abandonou²⁰.

Em terceiro lugar, e isto é decisivo, Caio Prado assinala que o foco da sua análise é o início do século XIX. Essa opção, segundo ele, é estratégica, por um duplo motivo. De um lado, esse momento constitui uma espécie de balanço dos três séculos da atividade colonizadora. De outro, permite captar os primeiros passos do processo de transformação do organismo resultante da colonização. Essa transformação atravessara o oitocentos e ainda se 'arrastava' - segundo termo empregado pelo próprio autor - na época dele sem chegar a seu termo. Como afirmou, o Brasil contemporâneo se caracterizava pelo passado colonial, que se encerrava com o século

XVIII, e pelas transformações que haviam ocorrido nos próximos séculos. Estas seriam as razões por que, para compreender o Brasil contemporâneo — "[...] que é o que realmente interessa" (PRADO JR., 1942, p. 9).

Desse modo, fica evidente que Caio Prado valoriza o estudo da economia colonial a partir do início do século XIX por dois motivos: primeiro, porque apresenta as características dessa economia; segundo, porque expressa os primórdios da sua transformação. Como a cabeça de Jano, permitiria olhar para trás e para frente, para o passado e para o futuro.

Consideremos, pois, como Caio Prado caracteriza a colonização. Não vamos retomar sua exposição, pois ela é bastante conhecida. Acreditamos ser suficiente lembrar que ele chama a atenção para o fato de o Brasil ter-se constituído como uma colônia de exploração, empreendimento próprio das regiões tropicais e subtropicais. Nesse caso, mantendo o caráter comercial que o caracterizou desde o início, a produção organizada no Brasil destinava-se a atender à demanda da Europa temperada por produtos tropicais. Em trecho bastante conhecido, Caio Prado expõe, em linhas gerais, o que caracterizava uma economia colonial:

No seu conjunto, e vista no plano mundial e internacional, a colonização dos trópicos toma o aspecto de uma vasta empresa comercial, mais complexa que a antiga feitoria, mas sempre com o mesmo carácter que ela, destinada a explorar os recursos naturais de um território virgem em proveito do comércio europeu (PRADO JR., 1942, p. 25).

Este trecho é seguido de uma observação importante para a compreensão de seu modo de interpretar a história do Brasil:

É este o verdadeiro sentido da colonização tropical, de que o Brasil é uma das resultantes; e 'ele explicará os elementos fundamentais, tanto no econômico como no social, da formação e evolução históricas dos trópicos americanos' (PRADO JR., 1942, p. 25, grifos nossos)²¹.

Como se pode verificar, o caráter colonial da economia brasileira não se restringe à época em que o Brasil fazia parte do Império português, tendo desaparecido com a Independência. Ao contrário, ele se prolongava e se mantinha como elemento fundamental da economia brasileira por ocasião da publicação de *Formação*.

contemporâneo. Império e Formação do Brasil contemporâneo. República.

²⁰Leão (1996, p. 66) assinala que, para Caio Prado, existiria uma linha mestra na história do Brasil e que esta se configuraria na transição de uma economia colonial para uma economia nacional, caracterizando o que este autor entendia por ambas as formas de organização econômica. Chama ainda a atenção para o fato de os dois conceitos serem fundamentais na obra deste autor. Todavia, como se identifica com as formulações de Caio Prado, sua análise assemelha-se a uma espécie de resumo delas, reafirmando-as (LEÃO, 1996, p. 50 e ss.). Vide, igualmente, Régio (2000, p. 48 e ss.).

²¹Adiante, Caio Prado precisa seu entendimento de colônia de exploração: "Aquele 'sentido' é o de uma colônia destinada a fornecer ao comércio europeu alguns gêneros tropicais ou minerais de grande importância [...]. A nossa economia se subordina inteiramente a este fim, isto é, se organizará e funcionará para produzir e exportar aqueles gêneros" (PRADO JR., 1942, p. 113).

Não é por acaso, pois, que Caio Prado escolheu o início do século XIX como momento estratégico — que denomina de momento decisivo. Não é sua intenção fazer uma espécie de história da colonização do Brasil, iniciando com a sua descoberta. Pretende apenas apreender os aspectos essenciais da economia ou produção criada pela colonização dos trópicos. A partir dessa apreensão, examina os diferentes aspectos da sociedade colonial, mas sempre se remetendo à questão central, ou seja, mostrando que os diferentes aspectos da economia e da sociedade coloniais explicam-se pelo ‘sentido da colonização’. Assim, sob certos aspectos, *Formação* é antes um ensaio do que propriamente um livro de história (MENDES, 2012).

Com efeito, afirma ele, de um lado, esse período forneceria, em balanço final, a obra realizada por três séculos de colonização. Seria a síntese deles. Permitiria, dessa maneira, apreender os aspectos essenciais, permanentes, da economia colonial. De outro lado, “[...] constitui uma chave, e chave preciosa e insubstituível para se acompanhar e interpretar o processo histórico posterior e a resultante dele que é o Brasil de hoje” (PRADO JR., 1942, p. 5). Em outras palavras, o início do século XIX possibilitaria interpretar o processo histórico ao longo dos séculos XIX e XX, na medida em que explicita o sentido das transformações operadas na economia brasileira. Como salienta o autor, é nesse momento que se entra propriamente na fase do Brasil contemporâneo, erigido sobre a resultante da colonização. Não por acaso, ele define o Brasil contemporâneo como o passado colonial que se balanceia e encerra com o século XVII acrescido das transformações que se verificaram ao longo dos séculos XIX e XX (PRADO JR., 1942, p. 6). Ao entrar nessa nova fase, o organismo criado pela colonização começa a se transformar. Observa Caio Prado: “É então o presente que se prepara, nosso presente dos dias que correm. Mas este novo processo histórico se dilata, se arrasta até hoje. E ainda não chegou a seu termo” (PRADO JR., 1942, p. 6). A síntese é esclarecedora: “Numa palavra, não completamos ainda hoje a nossa evolução da economia colonial para a nacional” (PRADO JR., 1942, p. 7).

Assim, as considerações gerais de Caio Prado acerca da economia colonial, isto é, da organização social e econômica criada pela colonização dos trópicos entrelaçam-se com as formulações a respeito do que ele denominou de ‘evolução histórica brasileira’. Isso porque ele estava interessado em explicar como havia se dado a formação do Brasil contemporâneo. Este guardava, nos seus aspectos fundamentais, as características de

uma economia criada com a colonização, isto é, ser uma produção destinada a atender às necessidades do mercado externo²². Existiria um processo de transformação dessa economia que indicava, desde o início do século XIX, sua direção: a superação dos caracteres coloniais da economia brasileira por meio do estabelecimento da economia nacional²³.

Diversos autores que abordaram esta questão entenderam que Caio Prado estava preocupado com a construção da Nação (DIEHL, 2004; IUMATTI, 2007, 2008; RICUPERO, 2000, 2008; PACHECO JÚNIOR, 2013). Iglésias (2000, p. 203), por seu turno, interpreta como superação do estatuto colonial e o estabelecimento da nacionalidade²⁴. No entanto, por ‘economia nacional’, Caio Prado entendia uma produção que estivesse voltada para o atendimento das necessidades da população nela engajada. Em sua análise, na verdade, Caio Prado opera com dois conceitos antitéticos: ‘economia colonial’ e ‘economia nacional’. Por ‘economia colonial’ compreendia uma produção voltada para atender a necessidades alheias. Esse caráter teria sido dado pelas condições em que se verificou a colonização dos trópicos. Caio Prado também definiu a economia colonial pelo que não era: não se tratava de produzir para atender às necessidades da população brasileira e sim para atender às alheias. Não por acaso, Caio Prado formulou uma tipologia de colonização. A colonização das zonas temperadas, de povoamento, o aspecto comercial teria ficado em segundo plano. Na dos trópicos, o aspecto comercial ficou em primeiro plano. Por isso, este autor sempre insistiu que o empreendimento colonial nos trópicos não passava de um ‘negócio’, muitas vezes grafando o termo entre aspas e, frequentemente, considerando-o de uma perspectiva depreciativa²⁵.

²²Esta formulação é repetida, por exemplo, em *Diretrizes para uma política econômica brasileira*, de 1954. Nela, Caio Prado (1954, p. 72) afirma: “O que caracteriza essencialmente o Brasil no conjunto da economia mundial, como sempre caracterizou, é como vimos no primeiro capítulo, o seu papel de fornecedor do comércio internacional de alguns gêneros tropicais e produtos primários. Essa é uma constante fundamental da economia brasileira que vem de seus primórdios e se prolonga até nossos dias, condicionando o essencial da evolução e da estrutura econômicas do país. Essa função internacional do Brasil — que constitui na realidade ‘toda’ a sua função e define sua identidade econômica, e poderíamos dizer que a social também — se exerceu no transcurso de seus quatro séculos de história em fases diferentes da evolução econômica européia, sem que o Brasil propriamente modificasse o sentido e caráter de seu desenvolvimento.”

²³Em *Formação*, Caio Prado não se estendeu muito em considerações sobre a ‘economia nacional’. Mas, em outros livros formulou o suficiente para indicar o que compreendia por isso. Em *História econômica do Brasil*, livro de 1945, observa este autor: “Não se chegara a constituir na era colonial uma economia propriamente nacional, isto é, um sistema organizado de produção e distribuição de recursos para a subsistência material da população nela aplicada [...]” (PRADO JR., 1945, p. 110). Talvez, *Diretrizes* (1954) tenha sido a obra em que apresentou de forma mais desenvolvida seu entendimento de ‘economia nacional’.

²⁴Essa formulação já havia sido avançada anteriormente (IGLÉSIAS, 1982, p. 24). De acordo com Reis (1999, p. 190) o sentido ou caminho da história brasileira era, para Caio Prado, da sociedade colonial ao Brasil-nação. Vieira (2009) menciona a formação da nacionalidade.

²⁵Em *Diretrizes*, Caio Prado, indicando que a economia brasileira possuía características coloniais, observa: “Ainda mais porque vindo o negócio antes, e o homem somente depois, isso é, sendo o homem função do negócio e não inversamente, o negócio função do homem, não havia que cuidar senão de uma

Fica evidente, pois, que em *Formação*, o autor apresenta, mais do que um estudo da colonização, uma interpretação da história do Brasil em seu conjunto. Tendo se constituído como uma colônia de exploração, sua trajetória não seria outra coisa que o processo de superação desse caráter colonial, com o estabelecimento de uma economia que atendesse, primordialmente, a população brasileira.

Resta, por fim, entender os motivos que levaram Caio Prado a interpretar a história do Brasil dessa maneira.

Política e história em Caio Prado

Os estudiosos costumam afirmar que Caio Prado foi ao passado para explicar e transformar o presente (DIEHL, 2004, p. 352; MADEIRA; VELOSO, 2001, p. 125). Para esta perspectiva, o passado, no caso, o passado colonial, seria a chave para explicar o presente. Ainda segundo este modo de ver, Caio Prado teria aplicado o método e a teoria marxistas no estudo do passado brasileiro. No entanto, este autor não foi ao passado para entender o presente munido apenas do marxismo. Ele voltou-se ao passado com um posicionamento político próprio diante das questões do presente. É este posicionamento político que constitui o ponto de partida para o entendimento da obra de Caio Prado Júnior e, por consequência, da sua concepção de colonização²⁶.

Caio Prado, diante das questões da sua época, posiciona-se contrário às soluções radicais, o que implica em oposição ao socialismo²⁷. É verdade que não se trata, teoricamente falando, de uma oposição absoluta. Ao contrário, considera o socialismo como uma proposta prematura diante das condições históricas em que o Brasil se encontrava, ou seja, seria um objetivo a ser alcançado a longo prazo²⁸.

Em algumas oportunidades, expressa-se de maneira clara sobre esta questão. Por exemplo, em

produção acelerada, sem consideração a outras circunstâncias que um aproveitamento máximo e no mais breve período do tempo" (PRADO JR., 1954, p. 42). Em suma, entende que, na economia colonial, o homem está a serviço da produção, ao passo que na economia nacional dá-se o inverso, isto é, a produção estaria a serviço do homem.

²⁶Além da explicação da obra de Caio Prado como aplicação do marxismo no estudo da história do Brasil, por nós examinada em Mendes (2008), há outras maneiras de conceber a produção deste autor. Assim, Gorender (1978), considerando Caio Prado um historiador da época colonial, concebe a historiografia relativa à colonização como um processo evolutivo onde, a cada passo, verifica-se uma revolução metodológica, aproximando-se, aos poucos, do verdadeiro significado do fenômeno colonial. Caio Prado teria seu valor pelo fato de romper com a teoria dos ciclos, pois, "[...] descobriu neles manifestações sequenciais de algo mais profundo, de uma realidade permanente e imanente - a 'estrutura exportadora' da economia colonial" (GORENDER, 1978, p. 17, grifo do autor). Diversos autores retomaram essa formulação. Vide, por exemplo, Faria (2008).

²⁷Não são poucos os autores que afirmam que o objetivo de Caio Prado era a revolução socialista. Vide Reis (1999, p. 173).

²⁸Em linhas gerais, de acordo com Caio Prado, existiria uma etapa intermediária antes de se propor o socialismo: tratava-se da eliminação das características coloniais da economia brasileira, que somente seriam eliminadas por meio de uma 'estruturação nacional da economia brasileira', conforme expressão sua. Vide Reis (1999, p. 200-201). Santos (2007, p. 17) afirma que Caio Prado havia se debruçado sobre o estudo da formação social brasileira "[...] com intenções revolucionárias". Adiante, observa que Caio Prado havia delineado um programa de reformas reestruturadoras do capitalismo brasileiro (SANTOS, 2007, p. 19).

Diretrizes para uma política econômica brasileira, Caio Prado (1954, p. 235-236) afirma que supor que fosse possível, no Brasil e nas circunstâncias daquela época, um regime socialista com a entrega a órgãos estatais da responsabilidade pela direção e gerenciamento total das forças produtivas do país seria ou fantasia de visionário ou maneira disfarçada de entravar as reformas que se impunham e que não precisavam aguardar um socialismo que, segundo esse autor, era ainda irrealizável.

A questão também é tratada em seu livro de 1957, *Esboço dos fundamentos da teoria econômica*, Caio Prado (1961, p. 222) afirma:

A socialização dos meios de produção, premissa dessa transformação, é certamente prematura nos países subdesenvolvidos com seu baixo nível industrial e a larga fragmentação e dispersão das atividades econômicas.

Em *A Revolução Brasileira*, de 1966, Caio Prado é bastante explícito quanto a sua posição política. Após afirmar que, para um marxista, a revolução brasileira desembocaria no socialismo, ressalta que isso representa uma previsão histórica, sem data marcada nem ritmo de realização. Entende, por outro lado, que essa previsão não deveria intervir diretamente na análise e interpretação dos fatos correntes (PRADO JR., 1977, p. 16). A nosso ver, afirma isso por entender que o processo histórico brasileiro não apontava para o socialismo, mas para a "[...] organização de uma coletividade e sociedade nacionalmente organizada" (PRADO JR., 1977, p. 82). Esta seria aquilo que Caio Prado (1977, p. 99) denominou 'linha central e essencial do desenvolvimento histórico brasileiro'.

Trata-se de libertar as forças anticolonialistas já presentes no interior da atual estrutura econômica do país e que destaquei e procurei analisar no decorrer desta tese. 'Essas forças não são ainda ou não são sobretudo as do socialismo que começa apenas a esboçar-se entre nós e precisará aguardar ainda, para amadurecer, um largo progresso das forças produtivas que não será possível sem a preliminar da destruição do sistema colonial'. As forças que realizarão essa destruição ainda são as do capitalismo [...] (PRADO JR., 1954, p. 236, grifos nossos).

É verdade que, se para Caio Prado a proposta de socialismo era inviável por falta de condições históricas, a perspectiva do estabelecimento do capitalismo no Brasil também estava fadada ao fracasso. Tratava-se de uma proposta extemporânea. No artigo *Fundamentos econômicos da revolução brasileira*, de 1947, observa:

Além disso, os tempos são outros. Não é nesse novo mundo da árdua luta inter-imperialista, em que o Brasil já ficou tão para trás, que se repetirá aqui a epopéia do capitalismo norte-americano com que

tantas vezes nos acenam as forças conservadoras desejosas de nos iludir com miragens tentadoras. O mundo liberal do século XIX está definitivamente morto; e não será no Brasil que ele ressuscitará. As molas propulsoras do capitalismo (o enérgico individualismo e o forte estímulo da iniciativa privada) não funcionam mais no mundo moderno; nem cabem mais nele. Não será agora no Brasil, onde nunca existiram, que irão se constituir para realizar a grande tarefa de reestruturação e transformação da face do país (PRADO JR., 1947, p. 6)²⁹.

Mas, como adverte o autor, isso não significava que havia soado a hora do capitalismo no Brasil. Entendia que a iniciativa privada tinha muito a realizar no Brasil. Mas, advertia:

Mas não uma iniciativa privada deixada a seu arbítrio e livre. E sim estritamente regularizada e encaminhada para aqueles setores da atividade onde a necessidade dela se faça mais sentir frente aos interesses gerais do país. E complementada e substituída sempre que convier e pela ação direta do Estado ou de seus órgãos representativos dos interesses da coletividade.

Em suma, trata-se de aproveitar o capitalismo naquilo que ele ainda oferece de positivo nas condições atuais do Brasil; e contê-lo, e o suprimir mesmo no que possa se opor às reformas que o país necessita. E ao mesmo tempo, ir preparando os elementos necessários para a futura construção do socialismo brasileiro (PRADO JR., 1947, p. 6).

É com esta posição política, de oposição ao socialismo — e, também, ao capitalismo na sua forma liberal —, que Caio Prado volta-se para o passado, para concebê-lo de modo a alicerçar sua interpretação do Brasil contemporâneo. Desse modo, insistimos, sua concepção de colonização não resulta de uma aplicação do método e da teoria marxistas, mas de uma maneira particular de conceber o presente. Sem levar em conta este posicionamento político de Caio Prado não se consegue explicar as razões que o levaram afirmar que a linha mestra da história do Brasil caracterizava-se pela transformação de uma economia colonial em uma economia nacional³⁰.

Em decorrência do seu posicionamento político diante das questões do presente, por conseguinte, Caio Prado elaborou uma interpretação da história do Brasil. É verdade que sua interpretação da história do Brasil faz com que as coisas apareçam invertidas,

ou seja, que a conclusão ou a consequência da sua interpretação da história do Brasil seja justamente que a evolução ou processo histórico brasileiro caminhava na direção do que denominou, em algumas passagens, uma estruturação nacional da economia brasileira — a economia nacional. Não por acaso, ao longo de *Diretrizes* e de *A Revolução*, Caio Prado insista que se atém aos fatos.

É assim que se há de abordar a realidade brasileira atual, o que leva a considerá-la como situação transitória entre, de um lado, o passado colonial [...] e o futuro, já hoje bem próximo, em que essa mesma área e seu povoamento, afinal nacionalmente estruturados, comportarão uma organização e sistema econômico voltados essencialmente e fundamentalmente para a satisfação das necessidades dessa mesma população que a ocupa [...] (PRADO JR., 1977, p. 81-82).

Desse modo, para Caio Prado, os fatos apontavam que a tendência da história brasileira era justamente a economia nacional e não para o socialismo ou para o capitalismo. O posicionamento político deste autor conduz a uma determinada interpretação da história do Brasil que, por seu turno, leva a uma conclusão que atende a esse posicionamento. Com isso, Caio Prado faz da história um instrumento político para sustentar seu posicionamento político de que as condições históricas do Brasil não propiciavam uma revolução de caráter socialista. A nosso ver, os estudiosos não conseguem apreender o significado político da interpretação de Caio Prado da história do Brasil por haver uma concordância política e ideológica entre eles e esse autor. Em decorrência disso, seus estudiosos explicam sua interpretação da história do Brasil como derivada do fato de ser um autor comunista e marxista, motivo pelo qual iniciam suas análises pela sua biografia.

Considerações finais

Depreende-se, do que foi exposto, que não podemos separar a concepção de colonização de Caio Prado da sua interpretação da história do Brasil. Evidentemente, podemos tomar essa concepção como foco de análise, mas sem desvinculá-la das considerações que este autor faz de sua teoria da história brasileira. Unifica-as o posicionamento político de Caio Prado que, partindo de uma posição contrária às soluções radicais, como a revolução socialista, elabora uma interpretação do Brasil baseada em formas econômicas e sociais — economia colonial e economia nacional — que criou para indicar que o processo histórico brasileiro percorreria caminhos distintos daqueles trilhados

²⁹Não deixa que ser curioso observar que não são poucos os autores que afirmam que, ao menos desde finais do século XIX, o Brasil era uma nação capitalista. Vide Coutinho (2000, p. 222, 228). Outros chegaram mesmo a afirmar que, para Caio Prado, o Brasil era capitalista desde o século XVI. Moraes (2001, p. 29) afirma que, para Caio Prado, o capitalismo teria chegado ao Brasil a bordo das naus de Cabral.

³⁰Diversos autores entendem que, a partir da noção de 'sentido da colonização', Caio Prado teria desvendado o processo histórico brasileiro (DIEHL, 2004, p. 349). Para nós, esta noção já é expressão do seu posicionamento político.

pelos países da Europa ocidental e dos Estados Unidos. Trata-se, em última instância, de uma tese que pretende defender.

É claro que não supomos que Caio Prado tenha intencionalmente instrumentalizado a história. Ao contrário, seu posicionamento diante das questões do presente, especialmente sua posição contrária às soluções radicais, conduziu-o a interpretar a história do Brasil da maneira como o fez. Assim, elaborou uma teoria da história do Brasil cuja consequência é que a etapa política do Brasil contemporâneo não seria o socialismo nem o capitalismo, mas algo que denominava economia nacional. Desse entendimento de economia colonial resulta que sua superação seria o estabelecimento da economia nacional. Separar, pois, a concepção de colonização de Caio Prado do seu modo de entender o processo histórico brasileiro significa ignorar aquilo que o próprio autor afirmou: o que realmente lhe interessa é o Brasil de sua época.

A caracterização da economia colonial como produção para o mercado externo só poderia ter como desdobramento a afirmação de que a superação das características coloniais da economia brasileira seria o estabelecimento de uma produção voltada para o mercado interno, o que, para Caio Prado, equivale dizer produção para atender às necessidades da população nela engajada. Considerar, por outro lado, que a colônia tem como finalidade promover a acumulação primitiva de capitais nas metrópoles, como formula Novais, implica pensar outros caminhos para a política brasileira. A formulação de Novais está na base da explicação para o subdesenvolvimento brasileiro, questão distinta da de Caio Prado³¹. Com isso, a superação dessa condição passa por caminhos que não são os da constituição da economia nacional, por conseguinte, formulação distinta da de Caio Prado. Em suma, considerar Caio Prado historiador da colonização significa anular os objetivos pelos quais ele sempre lutou e que constituem o âmago político da sua obra. Concordemos ou não com Caio Prado, foi com este posicionamento político que ele compareceu às lutas sociais da sua época e fez da história um instrumento de luta política.

³¹Poucos textos de Novais tratam da colonização relacionando-a com a situação dos países americanos na época contemporânea. Um é *Colonização e desenvolvimento econômico*, de 1957, publicado no *Jornal da Filosofia* (NOVAIS, 2005b). Outro, de uma época em que ele já havia formulado sua concepção de colonização, de 1973, é "Sistema colonial, industrialização e etapas do desenvolvimento" (NOVAIS, 2005d). No texto de 1957, apoiando-se nos dois tipos de colonização que caracterizariam a ocupação do continente americano, colônia de povoamento e colônia de exploração, inclusive mencionando Caio Prado, o autor estabelece os pares colônia de povoamento/economia autônoma/nação desenvolvida e colônia de exploração/economia subordinada/nação subdesenvolvida. Já no texto de 1973, Novais (2005d, p. 137) assinala que a situação de subdesenvolvimento tem, na raiz, os mecanismos do Sistema Colonial em suas várias etapas. Vieira (2004, 2009) sugere que a reformulação de Novais em relação ao modo de Caio Prado conceber a colonização implica uma reorientação da interpretação geral deste autor sobre o sentido do desenvolvimento da sociedade brasileira.

Referências

- BICALHO, M. F. B. Pacto colonial, autoridades negociadas e o império ultramarino português. In: SOIHET, R.; BICALHO, M. F. B.; GOUVÊA, M. F. S. (Org.). **Culturas políticas**. Ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 85-105.
- BICALHO, M. F. B. Dos "Estados nacionais" ao "sentido da colonização": história moderna e historiografia do Brasil colonial. In: ABREU, M.; SOIHET, R.; GONTIJO, R. (Org.). **Cultura política e leituras do passado**: historiografia e ensino da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Faperj, 2007. p. 67-87.
- BRESSER PEREIRA, L. C. Seis interpretações sobre o Brasil. **Dados. Revista de Ciências Sociais**, v. 25, n. 3, p. 269-306, 1982.
- BRESSER PEREIRA, L. C. De volta ao capital mercantil. In: D'INCAO, M. Â. (Org.). **História e ideal**. Ensaios sobre Caio Prado Júnior. São Paulo: Unesp; Secretaria de Estado da Cultura; Brasiliense, 1989. p. 279-297.
- CARDOSO, C. F. Reflexões conclusivas: uma sociedade, não um mero quintal da Europa. In: CARDOSO, C. F. (Org.). **Escravidão e abolição no Brasil**. Novas perspectivas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p. 56-71.
- CARDOSO, C. F. O trabalho na colônia. In: LINHARES, M. Y. (Org.). **História geral do Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990. p. 69-88.
- COUTINHO, C. N. **Cultura e sociedade no Brasil**. Ensaios sobre ideias e formas. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- COUTINHO, C. N. Uma via "não clássica" para o capitalismo. In: D'INCAO, M. Â. (Org.). **História e ideal**. Ensaios sobre Caio Prado Júnior. São Paulo: Unesp; Secretaria de Estado da Cultura; Brasiliense, p. 115-131, 1989.
- DIEHL, A. A. Caio Prado Jr.: as ideias de futuro que se tinha no passado e o pêndulo da razão. In: AXT, G.; SCHÜLER, F. (Org.). **Intérpretes do Brasil**. Ensaios de cultura e identidade. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.
- FARIA, S. C. A colônia é mais embaixo. **Revista de História**, n. 34, 2008. Disponível em: < <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/a-colonia-e-mais-embaixo>>. Acesso em: 6 Dez. 2013.
- FERLINI, V. L. A. **A civilização do açúcar** (Séculos XVI a XVIII). São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FERLINI, V. L. **Terra, trabalho, poder**. O mundo dos engenhos no Nordeste Colonial. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FRAGOSO, J. L. **Homens de grossa aventura**. Acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro, 1790-1830. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- FRAGOSO, J.; FLORENTINO, M. **O arcaísmo como projeto**. Mercado Atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia. Rio de Janeiro, c. 1790-c.1840. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

- FRAGOSO, J. Modelos explicativos da chamada economia colonial e a ideia de Monarquia Pluricontinental: notas de um ensaio. **História**, v. 31, n. 2, p. 106-145, 2012.
- GORENDER, J. **O escravismo colonial**. São Paulo: Ática, 1978.
- GORENDER, J. Do pecado original ao desastre de 1964. In: D'INCAO, M. Â. (Org.). **História e ideal**. Ensaio sobre Caio Prado Júnior. São Paulo: Unesp; Secretaria de Estado da Cultura; Brasiliense, 1989. p. 259-269.
- IGLÉSIAS, F. **Caio Prado Jr.: história**. São Paulo: Ática, 1982.
- IGLÉSIAS, F. **Historiadores do Brasil**. Capítulos de historiografia brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte: UFMG, IPEA, 2000.
- IUMATTI, P. T. **Caio Prado Jr.**. Uma trajetória intelectual. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- IUMATTI, P. T. O percurso para o "Sentido da Colonização" e a dinâmica da historiografia brasileira nas primeiras décadas do século XX. In: IUMATTI, P.; SEABRA, M.; HEIDEMANN, H. D. (Org.). **Caio Prado Jr. e a associação dos geógrafos brasileiros**. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros; Instituto de Estudos Brasileiros; Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 127-167.
- LAPA, J. R. A. Caio Prado Júnior. Formação do Brasil contemporâneo. In: MOTA, L. D. (Org.). **Introdução ao Brasil**. Um banquete no trópico. 4. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2004. v. 1, p. 257-272.
- LEÃO, I. Z. C. C. Nação e economia nacional em Caio Prado Júnior. **Revista de Economia**, n. 20, p. 49-68, 1996.
- LINHARES, M. Y. Introdução. In: LINHARES, M. Y. (org.) **História geral do Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 1-13.
- MADEIRA, A.; VELOSO, M. Caio Prado Jr.: modernista, contemporâneo. In: MADEIRA, A.; VELOSO, M. (Org.). **Descobertas do Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- MENDES, C. M. M. **Política e história em Caio Prado Jr.**. São Luís: UEMA, 2008.
- MENDES, C. M. M. O ensaísmo na historiografia brasileira. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 34, n. 1, p. 91-100, 2012.
- MORAES, J. Q. Nelson Werneck Sodré: a fundamentação marxista do programa nacional-democrático. In: SILVA, M. (Org.). **Nelson Werneck Sodré na historiografia brasileira**. Bauru: Edusc; São Paulo: Fapesp, 2001.
- NOVAIS, F. **Aproximações**. Estudos de história e de historiografia. São Paulo: Cosac Naify, 2005a.
- NOVAIS, F. Colonização e desenvolvimento econômico. In: **Aproximações**. São Paulo: Cosac Naify, 2005b. p. 17-22. (Texto originalmente publicado em *Jornal da Filosofia*, out.-nov. 1957).
- NOVAIS, F. Colonização e sistema colonial: discussão de conceitos e perspectiva histórica. In: **Aproximações**. Estudos de história e historiografia. São Paulo: Cosac Naify, 2005c. p. 23-43. Texto publicado originalmente em 1967.
- NOVAIS, F. Sistema colonial, industrialização e etapas do desenvolvimento. In: **Aproximações**. Estudos de história e historiografia. São Paulo: Cosac Naify, 2005d. p. 127-138. (Texto originalmente publicado em *Estudos Históricos*, Marília/SP, n. 9, 1973).
- NOVAIS, F. Sobre Caio Prado Júnior. In: **Aproximações**. Estudos de história e historiografia. São Paulo: Cosac Naify, 2005e. p. 277-293.
- NOVAIS, F. Entrevista. In: **Aproximações**. Estudos de história e historiografia. São Paulo: Cosac Naify, 2005f. p. 337-401.
- NOVAIS, F. O Brasil nos quadros do Antigo Sistema Colonial. In: MOTA, C. G. (Org.). **Brasil em perspectiva**. São Paulo: Difel, 1968. p. 53-73.
- NOVAIS, F. **Estrutura e dinâmica do Antigo Sistema Colonial (séculos XVI-XVIII)**. 2. ed. São Paulo: Caderno CEBRAP 17, 1975.
- NOVAIS, F. **Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)**. São Paulo: Hucitec, 1989.
- NOVAIS, F. Caio Prado Jr. historiador. **Novos estudos Cebrap**, v. 2, n. 2, p. 66-70, 1983.
- NOVAIS, F. A. Caio Prado Jr. na historiografia brasileira. In: MORAES, R.; ANTUNES, R.; FERRANTE, V. B. (Org.). **Inteligência brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ODÁLIA, N. Sentido da colonização, modo de produção e história colonial. **Debate & Crítica**, n. 4, p. 49-60, Novembro de 1974.
- ODÁLIA, N. A vocação do historiador. In: D'INCAO, M. Â. (Org.). **História e ideal**. Ensaio sobre Caio Prado Júnior. São Paulo: Unesp; Secretaria de Estado da Cultura; Brasiliense, 1989.
- PACHECO JÚNIOR, I. **Caio Prado Jr.: do sentido da colonização ao sentido da revolução**. 2013. 137p. Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- PAULA, J. A. **Raízes da modernidade em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- PRADO JR., C. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Martins, 1942.
- PRADO JR., C. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1945.
- PRADO JR., C. Fundamentos econômicos da revolução brasileira. **A Classe Operária**, p. 4-6, mar., 1947.
- PRADO JR., C. **Diretrizes para uma política econômica brasileira**. São Paulo: Gráfica Urupês, 1954.
- PRADO JR., C. **Esboço dos fundamentos da teoria econômica**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- PRADO JR., C. **A revolução brasileira**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- PUNTONI, P. Apresentação. In: NOVAIS, F. A. (Ed.). **Aproximações**. Estudos de história e de historiografia. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- RÊGO, R. M. L. **Sentimento do Brasil**. Caio Prado Jr. – continuidades e mudanças no desenvolvimento da sociedade brasileira. Campinas: Unicamp, 2000.

- REIS, J. C. **As identidades do Brasil de Varnhagen a FHC**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- RIBEIRO JR., J. **Colonização e monopólio no Nordeste brasileiro**: a Companhia Geral de Pernambuco e Paraíba (1759-1780). São Paulo: Hucitec, 1976.
- RICUPERO, B. **Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo no Brasil**. São Paulo: Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo; Fapesp, Editora 34, 2000.
- RICUPERO, B. **Sete lições sobre as interpretações do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2008.
- SANTOS, R. **Caio Prado Jr. na cultura política brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2001.
- SANTOS, R. Revalorizações de Caio Prado Jr. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 19, p. 187-193, outubro/2002.
- SANTOS, R. **Caio Prado Jr. dissertações sobre a revolução brasileira**. São Paulo: Brasiliense; Fundação Astrojildo Pereira, 2007.
- SCHWARTZ, S. A historiografia dos primeiros tempos do Brasil Moderno. Tendências e desafios das duas últimas décadas. **História: Questões e Debates**, n. 50, p. 175-216, 2009.
- SECCO, L. **Caio Prado Jr.**. O sentido da revolução. São Paulo: Boitempo, 2008.
- VICTORIANO, M. R. **A questão nacional em Caio Prado Jr.** São Paulo: Edições Pulsar, 2001.
- VIEIRA, C. A. C. **Interpretações da colônia**. Leitura do debate brasileiro de inspiração marxista. 2004. 179p. Dissertação (Mestrado em História Econômica)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. .
- VIEIRA, C. A. C. Interpretações da colônia: leitura das contribuições de Caio Prado Jr. e Fernando Novais. **Verinotio Revista on-line**, n. 10, 2009. Disponível em: <www.verinotio.org>. Acesso em: 5 Dez. 2013.

Received on September 12, 2013.

Accepted on December 13, 2013.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.